

FALE COM A GENTE!

Editores Marcelo Luís,
Rafael Motta e Ronaldo Abreu Vaio
E-mail cidades@atribuna.com.br
Telefone 2102-7157

DESTAQUE DO DIA

CIDADES



ALEXSANDER FERRAZ

O FabLab, criado pelo Massachusetts Institute of Technology, é um ambiente para desenvolvimento de ideias



EDUARDO MARTINELLI/DIVULGAÇÃO

O Coletivo: bazar reúne os artesãos locais, ao melhor estilo "juntos somos fortes"

Um negócio de futuro

Uma ideia sai da cabeça, vira realidade e gera lucro, de forma colaborativa; é difícil definir a Economia Criativa, mas ela cresce rápido

BRUNO GUEDES

DA REDAÇÃO

Uma revolução silenciosa impulsionada pela inovação ganha cada vez mais espaço em universidades, oficinas e ateliês e vai transformando a forma de empreender. A chamada Economia Criativa cresce a índices bem maiores do que os tradicionais e experiências bem-sucedidas despontam na Baixada Santista.

Apesar da revolução em curso, não existe consenso sobre o que de fato define a Economia Criativa. "É aquela na qual produtos e serviços têm criatividade como matéria-prima para gerar valor agregado e um diferencial em relação aos demais", decifra Ana Carla Fonseca Reis, professora da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e especialista internacional no assunto pela consultoria Garimpo de Soluções.

A tendência ganhou impulso com a revolução das tecnologias digitais nos anos 90, quando qualquer produto lançado pôde ser rapidamente conhecido por pessoas de todo o mundo. "Isso permite a cópia. O que faz a diferença agora é a capacidade humana de criar algo novo". A partir desta lógica, Ana Carla associa este motor da economia a duas grandes vertentes: ciências e tecnologia ou

artes e cultura.

Na mesma linha, a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) divide o mercado da inovação em quatro blocos – biotecnologia, consumo, mídia e cultura – para concluir que, isolada, a economia da criatividade representa 2,6% do PIB brasileiro – dobrou, se comparado à década passada. Porém move uma engrenagem muito maior, se considerados os setores impulsionados por ela, conforme a especialista.

"Criatividade é o valor atribuído a um produto ou serviço, como parte de novo ambiente de competitividade, diferente do antigo binômio qualidade e preço", explica Adolfo Melito, presidente do Instituto de Economia Criativa, entidade de fomento a negócios inovadores.

TENDÊNCIA

Universidades da região perceberam a tendência e investem em novos cursos e infraestrutura. Elas já fazem parte do conselho do Parque Tecnológico de Santos, ambiente de fomento à cultura da inovação e ao empreendedorismo mantido pela Prefeitura.

A Unimes, por exemplo, lançou graduações de Jogos Digitais e Música com foco para negócios. A UniSantos tem

PARQUE

Negócios inovadores devem despontar na região nos próximos anos a partir de um ambiente em que se respira Economia Criativa em Santos. A Fundação Parque Tecnológico, localizado no Cais Colégio Santista (Vila Nova), 'adota' empresas ainda embrionárias, que tenham como premissa oferecer ao mercado um produto ou serviço de valor agregado pelo seu caráter exclusivo, inovador e com alta capacidade de escala. Um dos produtos inovadores desenvolvidos no Parque, em fase inicial de incubação, é uma palmilha que, via bluetooth, informa ao corredor se ele está pisando de forma errada durante a corrida, sobrecarregando articulações. "Nosso objetivo é auxiliar a pessoa a corrigir tecnicamente sua pisada e para isso utilizamos feedback auditivo", explica Vitor Daniel Tessutti, educador físico e professor universitário, um dos idealizadores. Entre os sócios e colaboradores técnicos, a empresa congrega também profissionais de Fisioterapia, Biologia e Tecnologia. "Juntamos conhecimentos e estamos fazendo os testes". A incubadora nasceu em 2016. Os interessados inscrevem a ideia - obrigatoriamente em vertentes como Mobilidade Urbana, Saúde,



Educação, Petróleo e Gás, entre outras - que é avaliada pelo conselho formado por Prefeitura, Sebrae, Associação Comercial e universidades. Se aprovado, o projeto passa a usufruir por dois anos dos espaços do parque, com estruturas de escritório, e de mentoria, assessoria técnica, jurídica e contábil para estruturar a pesquisa e desenvolver produto e modelo de negócio. O custo mensal é simbólico, de R\$ 50,00 a R\$ 150,00.

uma incubadora de empreendimentos e um laboratório de soluções organizacionais para transformar ideias em possíveis empresas.

No Centro Universitário São Judas Tadeu/Campus Unimonte, um dos diferenciais é o curso de Cinema. A instituição tem um programa de incentivo e estruturação de startups e mantém o ÂnimaLAB, laboratório para alunos, professores e comunidade, equipado para o desenvolvimento de projetos que podem ser negócios lucrativos, conforme explica a professora Ana Maria Malvezzi.

Já a Unisanta inaugurou em novembro o FabLab, laboratório público criado pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology) e instalado em centros de aprendizagem de todo o mundo. O FabLab oferece ferramentas tecnológicas para o desenvolvimento de projetos.

"Acadêmicos têm vivência intensa com a teoria e o laboratório propicia a experimentação que pode virar produto", explica o engenheiro Sérgio Schina de Andrade, gerente do espaço.

COMPARTILHAMENTO

Adolfo Melito, do Instituto de Economia Criativa, explica um ponto primordial que resulta em expansão exponencial do

empreendedorismo criativo: o caráter colaborativo. "As novas gerações se movem pelo propósito, engajamento e pela percepção do impacto da contribuição na sociedade".

Nesse contexto, a ideia de uma artesã agregou dezenas de artistas da região e criou em 2005 um bazar que chega nesta semana em sua 28ª edição. O Coletivo resulta da percepção de Aline Tolotti, que produz bolsas e acessórios a mão, sobre a carência de espaços para produtos autorais por aqui.

"Participava de feiras nas quais a maioria dos expositores revendia produtos da 25 de Março, padronizados, da China, onde a cadeia produtiva não valoriza o profissional. Não tinha como competir em relação a preço", conta Aline.

Ela passou a se reunir com outros artistas de Santos e notou uma enorme muita gente querendo expor seu produto mas sem qualquer estímulo ou espaço. "Nossa premissa para participar do Coletivo é a criação autoral, mesmo que parte do processo tenha sido terceirizado, porém com pequenas empresas locais".

O próximo bazar, com 55 expositores, será realizado nos dias 7 e 8, na AABB (Av. Ana Costa, 442).

Na Arquitetura, o fiel da balança é a arte

Artista plástico desde a adolescência e arquiteto por formação há 18 anos, Leonel Fernandes percebeu a partir de sua experiência com os projetos de Arquitetura que sua arte poderia se tornar mais um negócio criativo na Cidade.

"Ao concluir meus projetos, no final da obra, em que colocava os móveis, muitas vezes eu não encontrava em Santos os produtos com a personalidade que queria. Ou então o cliente já estava sem fôlego financeiro para comprar. Aí identifiquei que poderia complementar com a minha arte", conta ele.

Fernandes produz peças únicas, exclusivas e artesanais, entre espelhos em esculturas com pedras brasileiras, gravuras em papel, quadros abstratos e luminárias com design autoral.

A ideia de agregar sua visão artística aos projetos arquitetônicos deu certo e, mês passado, as peças passaram a compor o Estúdio Étoile, espaço de arte no Boqueirão em que ele e seu



ALEXSANDER FERRAZ

Uma necessidade no final dos projetos fez com que Leonel incluísse suas obras na Arquitetura

sócio transformaram parte de sua casa com as criações autorais e obras de decoração e mobiliário importados.

"O resultado do trabalho de

um arquiteto só está concluído quando a gente coloca a flor no vaso, o quadro na parede, o tapete na sala. Esses elementos finais dão personalidade a

um projeto". Agora, o Estúdio Étoile está na modalidade e-commerce, com o objetivo de ganhar projeção fora dos limites da região.

QUILHAS SUSTENTÁVEIS



Os amigos Raphael Miranda Nogueira, 33 anos, e Roberto Versa, 50 anos, companheiros de surfe, uniram experiência a tecnologia e conhecimento técnico para tornar escalável a produção de quilhas de pranchas com pallets e madeira reciclável, bem mais leves do que as disponíveis no mercado. As quilhas existem para dar estabilidade às manobras sobre a água. Engajado em projeto de limpeza de praias, Roberto produz as peças há pelo menos três décadas, de forma artesanal. Raphael se juntou ao amigo e, a partir daí, transformaram a produção das quilhas em um empreendimento que virou um projeto no seu curso de Engenharia Ambiental, no Unimonte. "O que demorava dois meses para fazer com maquinário manual, agora, com as máquinas que adquirimos, ele faz em 15 dias". Está criada a RV Woods Fins. Na oficina em São Vicente, os protótipos são feitos por Roberto. Raphael os reproduz com as medidas certas para dar funcionalidade e, para finalizar, os produtos agora fabricados em maior escala ganham seu toque de exclusividade: a pintura feita à mão. "Nossa premissa é utilizar madeiras recicláveis, com foco no bem-estar. Nosso produto no mercado, hoje, é único". Eles trabalham com demanda de consumidor final mas negociam o primeiro contrato com loja de acessórios de surf.